

As representações sociais acerca do acolhimento de refugiados em Portugal. Estudo de caso dos comentários às notícias sobre a chegada de refugiados a Portugal nas redes sociais dos media portugueses.

Nuno Miguel A. M. Santos¹

Mestre em Relações Interculturais

Resumo

Vários acontecimentos a nível mundial têm provocado a deslocação forçada de milhões de pessoas em todo o mundo. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), em finais de 2016, havia cerca de 65 milhões de deslocados forçados, devido à existência de conflitos, violência e violação dos direitos humanos.

Palavras-chave: Refugiados; Portugal; *media*; redes sociais

Abstract

Several events worldwide have caused the forced displacement of millions of people around the world. According to the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR), at the end of 2016, there were about 65 million forced displaced persons, due to the existence of conflicts, violence and human rights violations.

Keywords: Refugees; Portugal; *media*; social networks

¹ Mestre em Relações Interculturais pela Universidade Aberta de Lisboa

Atualmente, vários acontecimentos a nível mundial têm provocado a deslocação forçada de milhões de pessoas em todo o mundo. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), em finais de 2016, havia cerca de 65 milhões de deslocados forçados, devido à existência de conflitos, violência e violação dos direitos humanos. Verificou-se um aumento de cerca de 300.000 deslocações em relação ao ano anterior, sendo um máximo histórico². Fenómeno em grande parte agravado pelos conflitos existentes na Síria, Afeganistão e em alguns países do continente africano, provocando desta forma um número significativo de deslocações forçadas com destino à Europa. Estas deslocações em número fora do comum para o espaço europeu, obrigaram à União Europeia a criar mecanismos ou planos de recolocação e reinstalação de refugiados. Assim, em maio de 2015, a Agenda Europeia da Migração avançou com uma proposta de recolocar para dois anos aproximadamente 160 000 de deslocados, que se encontravam à espera de uma solução na Grécia e Itália . Mediante esta situação, Portugal assumiu o compromisso de receber cerca de 4574 refugiados³. Segundo uma nota de imprensa do Gabinete da Ministra da Administração Interna de 29 de abril de 2017⁴, tinham até esse momento chegado cerca de 1271 requerentes de proteção internacional, recolocados da Grécia e Itália, dos quais 64 já obtiveram o estatuto de refugiado.

Expulsos da terra, recebendo geralmente um tratamento discriminatório e hostil por onde passam, os refugiados acabam por se tornar, nas palavras de Marinucci & Milesi (2003) como os “vulneráveis entre os mais vulneráveis” (Milesi 2003:19)⁵. Conhecer os significados e representações de quem os recebe é deste modo o foco da discussão desta dissertação de mestrado cujo parte empírica recorre ao ambiente virtual e às redes sociais. As representações sociais constituem-se como um legítimo conjunto de saberes populares de transformação social, que conduzem as ações dos indivíduos, permitindo um melhor conhecimento da sociedade, podendo este ser orientado para a construção de uma sociedade mais

² ACNUR, (2017). Tendencias Globales, Desplazamiento Forzado en 2016, Acnur, España.

³ CRP, Conselho Português para os Refugiados (2015). Relatório de Atividades 2015, Lisboa, CRP, consultado a partir de <http://refugiados.net/1cpr/www/RelatorioCPR2015.pdf> [28-09-2017].

⁴ Retirado da Nota à Comunicação Social da Ministra da Administração Interna, disponível em <http://www.portugal.gov.pt/media/27704134/20170429-mai-refugiados.pdf>.

⁵ MILESI, Rosita (org) (2003). Refugiados, realidade e perspectivas, Brasília, Edições Loyola.

coesa, solidária e justa⁶. Com o advento das novas tecnologias de informação, os *media*⁷ afirmam-se como meios privilegiados na difusão e construção de representações sociais⁸. Este novo mundo virtualizado criou um mundo desterritorializado sem barreiras de espaço e de tempo, com múltiplas possibilidades de comunicação, possibilitando uma maior criatividade dos indivíduos ou a difusão de discursos e espaços de representação⁹. Estes novos espaços têm sido cada vez mais apropriados pelos indivíduos, nomeadamente as redes sociais onde estes partilham e produzem informação na rede ganhando valor e influência coletiva. Muitos assuntos partilhados nas redes sociais acabam mesmo por ser explorados pelas diversas agendas de órgãos de comunicação e notícias. Desta forma, o ambiente virtual assume-se cada vez mais como um espaço de análise privilegiado para as diversas ciências sociais, meio também escolhido para a recolha de dados desta pesquisa.

Pesquisa que se encontra dividida por partes, desde a revisão teórica onde se desconstrói o conceito de refugiado, a sua emergência através da Convenção de Genebra de 1951. Também com uma breve síntese descritiva dos grandes fluxos de refugiados ocorridos nos últimos dois séculos em diversos continentes. O caso português, em que a proteção e integração dos refugiados, foi acompanhando os desenvolvimentos do direito internacional nesta matéria, apesar de algumas condicionantes dependentes das conjunturas sociais e políticas dos momentos.

Na parte empírica, procurou-se de modo qualitativo chegar aos significados e representações dos participantes do estudo acerca do refugiado, da sua representação e da sua posição acerca do seu acolhimento em Portugal. Esta recolha obedecendo a uma postura etnográfica em ambiente virtual, recolheu os indícios mais evidentes nos seus discursos que explicitam as suas interpretações acerca desta realidade social. Posteriormente, os seus discursos foram agrupados

⁶ ALEXANDRE, Marcos (2000). “O papel da mídia na difusão das representações sociais”, *Comum* v 6, n.º 17, Rio de Janeiro.

⁷ Embora não exista um amplo consenso sobre qual das palavras se deve utilizar, *média*, *media* ou *mídia*, quando existe uma referência aos meios de comunicação social, neste texto, optou-se pelo uso da palavra *media* (em itálico).

⁸ CABECINHAS, Rosa (2004). "Representações Sociais, Relações Intergrupais e Cognição Social", Braga, Universidade do Minho. <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/03.pdf> [consultado em 19-09-2016].

⁹ LISBÔA, Eliana & COUTINHO, Clara (2011). “Comunidades Virtuais: Sistematizando conceitos”, Vol. 2 n.º 4 Unimes, UMS.

em categorias e unidades de registo, sendo submetidos a uma análise de conteúdo.

Os resultados evidenciaram a existência de um conhecimento pouco rigoroso sobre o estatuto e o que representam os refugiados, as suas causas de fuga, apresentando a maioria dos seus participantes uma constante hostilidade para com os refugiados e o seu acolhimento. Com exceção de uma minoria de participantes que opinou de modo favorável ao acolhimento, para grande a maioria, o refugiado é representado como uma ameaça sustentada por diversas razões. Ao nível económico, acolher o refugiado significa para os participantes desta pesquisa um maior consumo de recursos do país colocando pressão sobre o mercado de trabalho, na sustentabilidade económica e no estado social. Os refugiados são vistos como agentes consumidores e não como possíveis contribuintes, associando-lhe alguns estereótipos como de subsidiodependentes, mendigos e que se dedicam ao roubo. Para alguns participantes deste estudo, o refugiado significa uma ameaça à própria segurança do país. O medo ganha dimensão quando associam o Islão aos refugiados, projetando neles um significado de violência e terrorismo. Um sentimento que foi sendo ampliado após os vários atentados ocorridos na Europa e nos Estados Unidos da América. Outros participantes consideram que os refugiados não se integram, têm uma cultura muito particular, impermeável e que não se adapta, nem se consegue integrar na cultura da sociedade acolhedora.

Segundo Pereira e Vala (2010), apesar de os indivíduos não se acharem preconceituosos, estes acabam sempre por discriminar, mesmo quando tentam justificar as suas atitudes¹⁰. Para Carmo (2001), as sociedades são um palco onde gravitam diversos interesses, estando muitas vezes em conflito permanente¹¹. Os preconceitos, a repulsa e a rejeição para com os grupos minoritários aumentam quando as pessoas se tornam mais frustradas com o meio onde vivem. As crises económicas e sociais, o desemprego, as experiências de pobreza tendem a

¹⁰ PEREIRA, Cícero & VALA, Jorge (2010). Do preconceito à discriminação justificada, In-Mind_Português vol 1. nº2-3, Lisboa, ICSUL.

¹¹ CARMO, Hermano (coord.) (2001). “Problemas Sociais Contemporâneos”, Lisboa, Universidade Aberta.

acentuar e orientar a hostilidade para grupos mais desfavorecidos e vulneráveis, com menor capacidade de defesa a essa agressão ¹².

Vinícius Wu (2015) entende que existe um clima de radicalização e extremismo nas redes sociais da internet onde se formam blocos de opinião em que predominam opiniões meramente simplistas sem mediação ou contraditório, sem uma reflexão mais profunda. As redes sociais digitais convidam ao consumo passivo da informação onde o tempo dedicado ao estudo e exploração mais amplo dos temas é mínimo, levando as pessoas a participar no debate de determinadas polémicas com um comportamento mais emotivo e menos reflexivo¹³.

Também alguns *media* podem contribuir para a construção destes preconceitos, pois o tratamento da informação quando se referem a minorias étnicas é muitas vezes sustentada por aspetos discriminatórios com base em fontes primárias de ordem institucional, deixando para segundo plano as fontes dos próprios cidadãos. Esta prática evidencia também comportamentos fora do "consenso social" associados a histórias conduzidas pelo sensacionalismo, dramáticas e violentas, deixando de parte uma visão mais humanista e das próprias vulnerabilidades dos indivíduos. Num mundo cada vez mais ligado à rede tecnológica acresce a responsabilidade aos *media* de serem antes um instrumento aliado à construção de uma Europa multicultural e amiga da diferença, dissuasores de sentimentos discriminatórios e xenófobos. Para isso é importante dar-se voz aos indivíduos provenientes de vários grupos étnicos, que exista mais pluralismo nos conteúdos fornecidos pelos *media*¹⁴.

Assim, procurou-se nesta dissertação fazer uma análise com uma visão mais holística sobre o acolhimento dos refugiados, não sobre as suas experiências de integração, mas sim, olhando para a visão e significados da sociedade que vai acolher estes indivíduos, sendo estes atores sociais também determinantes no papel de acolhimento e integração dos refugiados.

¹² NETO, Félix, (2003). Estudos de psicologia intercultural 2ª edição – Nós e Outros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

¹³ WU, Vinícius (2015). Radicalismos e intolerância na rede: os riscos do ciberativismo, s.d disponível em <http://leituraglobal.org/radicalismos-e-intolerancia-na-rede-os-riscos-do-ciberativismo/> [Consulta 12-10-2017]

¹⁴ CUNHA, Isabel & SANTOS, Clara (2006). “Média, Imigração e Minorias Étnicas II”, Lisboa, ACIME.